



RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA: CURRÍCULO FORMAL X CURRÍCULO REAL

Líria Ângela Andrioli - UNIJUÍ
Agência Financiadora: CAPES/FAPERGS

Resumo: O presente artigo é um recorte de uma pesquisa realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada no município de Ijuí-RS. Este, por sua vez, possui como propósito investigar as relações de gênero e a educação, enfatizando de que forma elas se aproximam, tendo por base o currículo real da 7ª e 8ª séries da referida escola. A conclusão se ampara na análise do resultado obtido através da execução de um projeto elaborado pela própria escola, em que previa no seu conteúdo a abordagem das relações de gênero nos componentes curriculares. A análise ficou restrita a quatro disciplinas: Educação Física, Ciências, Língua Portuguesa e Matemática. Para o desenvolvimento do trabalho, foi utilizada a metodologia qualitativa com viés etnográfico, tendo como foco a interpretação das entrevistas realizadas com seis professoras e uma integrante do corpo diretivo da escola.

Palavras chave: relações de gênero, currículo, educação.

Introdução

Esta pesquisa analisa a temática das relações de gênero e a educação, de modo a compreender como esta é trabalhada no currículo real de uma turma da 7ª e 8ª séries de uma escola pública da rede estadual de ensino no município de Ijuí – RS. O ponto de partida é um projeto formal que a escola vinha realizando, que previa em seu conteúdo a abordagem das relações de gênero nos componentes curriculares. A centralidade das análises, no entanto, focou as entrevistas com professoras, bem como a observação de aulas, nas disciplinas de Matemática, Ciências, Educação Física e Língua Portuguesa. Contribuíram ainda para esta pesquisa a direção da escola e observações realizadas no cotidiano escolar.

Optamos pelos componentes curriculares citados porque neles geralmente está mais visível a temática das relações de gênero. Na Matemática, a intenção foi a de observar se existem diferenças no desenvolvimento de raciocínios e cálculos. A disciplina de Ciências o foco de análise estava centrado na discussão sobre a sexualidade. Na Língua Portuguesa nos voltamos principalmente para a linguagem e literatura. Já na Educação Física estiveram em evidência os corpos e a discussão sobre corporeidade e força. A metodologia empregada foi a de análise qualitativa, com viés etnográfico.

O projeto “Escola: espaço de (re)construção do conhecimento e convivência”

A escola pesquisada trabalha todos os anos em seu currículo escolar um projeto que contempla uma temática geral e um subtema. Nesta pesquisa, o projeto escolhido para análise foi o que tinha por tema geral “*Escola: Espaço de (re)construção do conhecimento e convivência*”. Já o subtema abordado foi “*Relações de gênero: conhecer para conviver*”. A proposta do currículo formal da referida escola, por meio deste projeto, foi trabalhar a temática das relações de gênero nas turmas de 7ª e 8ª séries. O objetivo geral proposto constava do seguinte:

Abordar a importância do conceito gênero, enquanto instrumento teórico que permita uma abordagem crítica das relações sociais; Desenvolver de forma breve a constituição das relações de gênero, a divisão sexual do trabalho como uma noção que nos permite discutir as bases materiais desta constituição e a relação gênero-classe e raça; Proporcionar a análise do conjunto dessas relações de produção que constituem a estrutura econômica da sociedade; Observar através de diferentes leituras o contexto social e político que correspondem formas sociais determinadas (Conforme projeto da escola).

A proposta de trabalhar a temática de gênero contemplava, segundo o projeto, os seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Educação Física, Fundamentos da Cidadania, História, Geografia, Ciências, Artes, Inglês e Matemática. Cada componente curricular tinha previsto no projeto conceitos que pudessem ser trabalhados com os/as educandos/as da 7ª e 8ª séries no que se refere à temática das relações de gênero. Nos detemos, no entanto, somente nos componentes curriculares de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Educação Física. Para uma melhor ilustração, elencamos a seguir os conceitos previstos nestas áreas:

Conceitos 7ª série: Língua Portuguesa: leitura, análise linguística, tipologia e gêneros textuais. Educação Física: corporeidade, esportes coletivos, esportes individuais e jogos motores. Ciências: ser humano e saúde, estruturas e funções do organismo, ecossistema, coordenação das funções. Matemática: estatísticas, raciocínio lógico, gráficos e tabelas. Conceitos 8ª série: Língua Portuguesa: leitura, análise, produção e gênero textual: língua, fala e discurso. Educação Física: corporeidade, concepção de feminino/masculino, esporte e lazer, políticas públicas. (...) Ciências: matéria, reciclagem de lixo, movimento (conceitos básicos) energia e trabalho, calor, ondas, som e luz, magnetismo, átomo e sua estrutura, elementos químicos, substâncias, misturas e combinações, funções e reações químicas. Matemática: raciocínio lógico, observação e argumentação, leitura e escrita matemática, aplicação da notação científica (na medicina, economia, biologia, química e astronomia), resolução de problemas através de funções, estatística (Conforme projeto da escola).

Sendo assim, partindo de um projeto formal, esquematizado, com planejamento de

ações da escola, a intenção foi verificar como se desenvolveu esta proposta no currículo real da instituição, se de fato as questões previstas foram trabalhadas e porque algumas questões que não estavam previstas no currículo fizeram parte desta investigação.

A presença da temática das relações de gênero nas disciplinas da 7ª e 8ª séries de uma escola pública do município de Ijuí-RS

A partir da proposta da escola de abordar a temática das relações de gênero nos componentes curriculares, a pesquisa voltou-se para o fato de tentar constatar, com as entrevistadas, como este trabalho era realizado e se as atividades previstas estavam sendo desenvolvidas.

A professora Anita¹ relata que, um dos conceitos que mais trabalhou em seu componente (Educação Física) é a temática do corpo². O conceito abordado pela professora, no entanto, evidencia mais a preocupação com a saúde do corpo e a questão da convivência entre meninos e meninas. Segunda ela,

o que a gente tem procurado assim trabalhar é a questão do respeito, do se conhecerem enquanto sujeitos, de respeitar um o corpo do outro e respeitar o seu corpo também. A consciência corporal acho que é importantíssima e a gente tem trabalhado muito mais essa questão assim do que o corpo na verdade fala, questão assim da tristeza, das irritações, da emoção, mais ou menos por esse caminho que a gente tem feito essas discussões. E a gente tem discutido bastante principalmente a questão do respeito com o corpo do sujeito, né, que aparece bastante, é bem forte dentro da sala de aula principalmente.

Já a professora Márcia, também da disciplina de Educação Física, não fez menção ao corpo. Esta fez referência a outras atividades que vêm desenvolvendo, deixando claro que não trabalha a temática em sua disciplina, ou, em outras palavras, esta temática, na sua visão, não faz parte do currículo. De acordo com ela, “a cada dois meses, ou dois meses e meio eu trabalho um esporte, então a gente trabalha os esportes que a gente consegue trabalhar aqui né, então eu trabalhei handebol, eu trabalhei basquete eu trabalhei vôlei, trabalhei futsal e a gente ocupa também a cama elástica e o colchão”. A fala desta educadora evidencia que a visão da desigualdade entre meninas e meninos está naturalizada e que seus efeitos já passam quase que imperceptíveis. Para ela, é natural a divisão dos esportes entre meninos e meninas, não havendo questionamentos ou tentativas de alterar este *status quo* da disciplina que ministra.

1 Os nomes empregados são fictícios para preservar a imagem das professoras entrevistadas.

2 É importante ter presente que “mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos” (GOELLNER, 2005, p. 29).

De acordo com Fraga (2000), "o poder de penetração de um discurso na vida social está associado a sua capacidade de ser visto como algo 'natural', tornando imperceptíveis seus efeitos entre aqueles que se encontram capturados" (p. 97).

Ao entrevistar a professora Jéssica, da disciplina de Ciências, esta relaciona conteúdos muito próximos da preocupação da saúde do corpo e muito pouco acerca da sexualidade. Isto evidencia o quanto carece o desenvolvimento em profundidade desta temática, que, segundo o entendimento de Louro (2008), não deveria nem estar atrelada a uma disciplina específica, mas fazer parte de todos os componentes curriculares e da política curricular da instituição. De acordo com a professora Jéssica,

o conteúdo da 7ª aborda o corpo humano, então a gente conseguiu trabalhá bastante, bastante assunto que são a saúde do nosso corpo, é a importância de, de cuidar do nosso corpo, da higiene e saúde e não é só o corpo é o nosso convívio também. (...) Como na 8ª série aborda também a (...) noção de física, noção de química e também a gente abordou até assim como produtos químicos, medicamentos são feitos de produtos químicos, a gente abordou até a automedicação, a importância dos alimentos na vida deles, a qualidade de vida em função disso.

A professora Simone, da disciplina de Matemática, destaca a dificuldade de trabalhar esta temática, mas informa que conseguiu incluir este tema por ocasião de uma discussão em sala de aula acerca das condições salariais igualitárias. Segundo Simone,

Quando a gente trabalhou por exemplo a questão salarial assim, a gente trabalhô mais no informal né com eles, surgem bastante discussões né, principalmente assim no mercado de trabalho né, em alguns lugares né, porque que a mulher ganha menos ainda que o homem né, então as meninas, assim foi quase que uma guerrinha sabe em sala de aula né, as 8ª são bem complicadas nesse ano, eu acho assim, eu acho que faz o aluno refletir né, e eu acho que isso é importante né, analisa vê o porque que mesmo em 2008 né, porque que isso ainda acontece né, porque que ainda a mulher ganha menos né, em alguns setores, que homem, outros claro que ganha bem mais né, mas ainda acontece isso, eu acho que surge assim, momentos de reflexão, eu acho que, acho que é importante essas paradas, eu seguido faço algumas paradas né, mesmo que não tenha a vê com o assunto, quando eles trazem por exemplo um assunto de momento, batem papo né, conversam, acho que é importante pra eles isso.

A professora Terezinha de Língua Portuguesa, deixa clara a dificuldade de incluir a temática na disciplina. A própria questão da linguagem inclusiva "os/as" passa despercebida no componente curricular desta. Terezinha, referindo-se ao trabalho da temática em sala de aula, afirma que: "eu não tô trabalhando assim todo dia né, é só quando aparece os textos depois a gente precisa também trabalha né e daí passa, a gente tem atividade na escola, daí atrapalha um pouco né, daí tu vai retomá outro dia". Algo que nos chamou a atenção tanto em relação a esta professora quanto em relação ao projeto, é que há uma concepção de que gênero textual e relações de gênero sejam questões similares. Isto se evidencia quando a professora

afirma que “eu vejo como diferentes tipos de textos assim, eu acho porque gêneros a gente tá trabalhando bastante na 7ª e 8ª, é tipo a professora já falô mesmo né, entre menino e menina, claro que entre textos também né, porque os estilos textuais são diferentes né”.

Verifica-se assim, que ainda falta “clarificar” o conceito de gênero, para, posteriormente, utilizá-lo nos componentes curriculares. Evidencia-se aqui que um projeto com ações delimitadas no currículo formal por si só não faz efeito. É elogiável a proposta, mas é necessário o acompanhamento do seu desenvolvimento real no currículo da escola. De igual forma, “os conhecimentos e valores inscritos nos currículos escolares oficiais podem ser questionados e redefinidos para que sejam asseguradas as percepções igualitárias de gênero” (AUAD, 2006, p. 82).

Concomitantemente a isto, vale frisar que o tema relações de gênero está inscrito no currículo formal, com conteúdos ou objetivos sugeridos a serem trabalhados em cada disciplina. As educadoras aqui entrevistadas, entretanto, dificilmente utilizam a temática porque, talvez, de forma inconsciente, não consideram algo importante. Muitas delas talvez sejam oprimidas e vivem de acordo com o que é imposto pela sociedade; e, em não vivenciando a emancipação, fica difícil de trazer este tema para a sala de aula. O processo de formação é muito importante, mas este deve aprofundar a temática de modo que as educadoras incorporem em seus discursos a importância da temática das relações de gênero, para que tenham elementos suficientes para trabalhá-la também no ambiente escolar.

Características de meninos e meninas

Ao observar o cotidiano da escola e ouvir as professoras, é perceptível a diferenciação nas relações sociais entre meninos e meninas, seja nas atividades propostas na sala ou então no intervalo da aula. Os estereótipos, aos poucos, vão sendo constituídos e reforçados por visões enraizadas e tidas como naturais, envolvendo a desigualdade nas relações de gênero. Segundo Auad (2006),

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas (p. 19).

Sendo assim, percebe-se que no percurso da escolarização vai se naturalizando e legitimando esta separação entre os sexos, principalmente com estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Nos anos iniciais já há uma harmonia e um

entrosamento maior entre meninas e meninos, uma vez que ainda não sofreram uma influência tão grande do pensamento dominante machista. Com o passar do tempo, porém, geralmente esta separação acontece da seguinte forma: os meninos jogam futebol na quadra e as meninas jogam vôlei. Algumas meninas escutam música com seu MP3, ou então com o som da escola; elas se reúnem num círculo e ali ficam até iniciar a aula. Raras vezes vê-se meninos com meninas ou vice-versa. Isto só acontece quando há uma “paquera” envolvida. Ao conversar com a professora de Matemática, ela também reforça estes comportamentos. De acordo com Simone,

eu vejo aí uma separação dos meninos e meninas, os meninos vão jogá, a 8ª por exemplo vão jogá, ou é o ping-pong, ou ... bola não, futebol, as meninas vão escutá música ficá num cantinho e falá de namorado. Tão na fase da música, do celular e do namoro, acho que é bem claro assim com os maiores, e os pequenos ainda são de brincá né. Na 7ª uma coisa que eu observo e me chama atenção é que os meninos correm demais, eles correm eles brincam, eles chegam suados, e as meninas não, as meninas são mais tranquilas no... principalmente do recreio né, agora os meninos vêm suados, de corrê, de brincá, daí a gente pergunta o que vocês tavam fazendo, aí eles dizem brincando de lets³ brincando de pega, são da 7ª série né, na 8ª já não se vê isso né, na 7ª ainda sim.

Esta é uma fase de afirmação sexual das crianças e jovens, e reforçar os estereótipos masculinos e femininos que envolvem principalmente o comportamento social é algo primado por estes e estas. Nas aulas de Educação Física esta separação ainda é mais visível. Dificilmente se formam times mistos no futebol. Neste caso, entra para o time quem detém mais força física. Raras vezes, quando falta um integrante no time, as meninas são convidadas a jogar; mas, quando isto ocorre, também é levada em consideração a força. Nesta perspectiva, é importante ter presente que “não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico” (LOURO, 2008, p. 21).

A professora Márcia (Educação Física) reforça esta visão ao afirmar que “os meninos jogam forte né, eles jogam um jogo assim, que é mais violento né, forte, então tem meninas que têm essa condição de recebe uma bolada forte e não se machucá né, então elas querem esse tipo de jogo né (...), então elas preferem jogá com os meninos do que jogá aquele jogo das meninas que é mais...”. Já a professora Anita (Educação Física) destaca uma outra característica que é a agilidade. Segundo ela, “o que aparece assim que o menino tem mais

3 Brincadeira onde um/uma corre atrás do outro/a.

agilidade que a menina, né. Então é nesse sentido que eles acabam separando”. Diante do exposto, Connel (1995) contribui afirmando que, “toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto” (p. 190).

As professoras de Língua Portuguesa, Adelaide e Terezinha, também mencionam que ocorrem algumas diferenciações entre o sexo feminino e o masculino. Segundo a professora Adelaide, “as meninas são aquelas que mais retiram livros”. Ela cita como exemplo um livro que tem a ver com gravidez na adolescência intitulado “Graças aos 14”. A professora Terezinha, por sua vez, deixa mais visível esta diferenciação quando afirma que “as meninas gostam mais de romance assim, os meninos mais aventura, eles gostam mais de aventura, as meninas sobre gravidez, essas coisas mais voltadas pra...”. Esta última professora, ao ser questionada sobre o que pensava disto, se achava natural que meninas gostassem mais de livros de romance e meninos de aventura, afirma o seguinte: “Eu acho, porque assim ó, é uma turma onde os meninos são mais imaturos que as meninas, são mais agressivos, brincam bastante”. Mais uma vez é possível perceber que a visão da naturalização do comportamento de homens e mulheres é aceito pelo corpo docente como correto e inquestionável.

Já a professora de Matemática chama a atenção para questões envolvendo a beleza e o cuidado com o corpo, preocupação principalmente das meninas. De acordo com Simone, as meninas “estão passando batom, escovando o cabelo, passando lápis no olho, os meninos não, acho que tem a ver assim mais né, a questão da sensibilidade da mulher né, ficá bonita, elas tão numa fase assim que eu vejo bem... a sexualidade bem a florada, cuidado visual”. É visível, a partir da fala da professora, como ainda é forte a assimilação da mulher ao corpo, decorrente da influência principalmente da mídia e da sociedade como um todo. Se recorrermos à História, veremos que esta visão se evidencia primordialmente a partir da Idade Moderna, com o surgimento dos perfumes e *pós*. “A depilação das sobrancelhas, a pintura dos olhos e dos lábios, a coloração das maçãs do rosto, o relevo dado à fronte atestavam uma nova representação da mulher” (DEL PRIORI, 2000, p. 23).

No que diz respeito às dificuldades de aprendizagem, não houve nenhuma classificação de meninas ou meninas. Segundo Simone, “não dá pra dizê que é menino ou menina, eu acho que é um geral assim, um percentual de meninos, um percentual de meninas”. Valerie Walquerdine faz referência a esta temática quando chama a atenção para a questão da racionalidade lógica, uma vez que historicamente as mulheres estavam excluídas do conhecimento. Segundo a autora, “O sujeito ‘pensante’ era macho; a fêmea fornecia o

suporte biológico para a procriação” (2007, p. 13).

Jéssica, professora de Ciências, também reforça a ideia de que os meninos são mais agressivos do que as meninas em sala de aula. Segundo ela, “a gente percebe assim que o sexo feminino são mais sensíveis até nos trabalhos, nos trabalhos em grupo que a gente observa, é ... questiona mais, principalmente nas minhas aulas e... muda muito de turma em turma também, mas do sexo masculino já são mais agressivos, já... mais rebeldes”. Nesse sentido, de acordo com Auad (2006, p. 39), “as diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais. Meninas que aparentam meiguice ou meninos que falam aos gritos são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo”. Novamente pode-se perceber, mediante a citação da professora, que o comportamento diferenciado de meninas e meninos é aceito como natural, ou seja, não há um questionamento se isto sempre foi assim, ou se pode ser mudado; ao contrário, se trabalha com o fato de este comportamento ser normal e de existirem diferentes formas de aproveitamento escolar em decorrência destes.

Diante do exposto, em especial das afirmações das professoras, é possível constatar que a percepção das desigualdades nas relações de gênero na escola é um passo importante para a mudança das relações sociais. É por meio da observação do cotidiano e das atividades em sala de aula que podemos modificar atitudes, valores e comportamentos considerados como naturais. John Stuart Mill (2006) e Alain Touraine (2007) contribuíram decisivamente para reforçar esta afirmação, uma vez que defendiam a ideia de que as mulheres deveriam ter a percepção da condição de inferioridade a que estavam submetidas para, a partir daí, reivindicar a sua emancipação. A valorização da mulher enquanto sujeito⁴ e a construção da identidade feminina, tem sido uma das teorias centrais destes autores. Vale ressaltar, entretanto, que, mesmo tendo consciência da situação de dominação que historicamente as mulheres estavam/estão submetidas, muitas⁵ ainda permanecem nesta situação, por ser mais cômodo e também pela dificuldade de modificar algo já imposto e incorporado, ou, em outras palavras, segundo Mill (2006, p. 201), “como há-de uma mulher nascida para a presente condição das mulheres, e conformada com ela, apreciar o valor da autonomia?”

4 Nesta perspectiva, segundo Touraine (2007, p. 73-74) “as mulheres tendem fortemente a não mais se definir em relação aos homens, e menos ainda em relação às funções sociais ou psicológicas que lhes seriam reservadas. Seu movimento profundo é exatamente o de rejeitar qualquer definição delas mesmas em relação aos homens”.

5 De acordo com Eisler (1996), “as próprias mulheres muitas vezes perpetuam os estereótipos dominadores da masculinidade, ao mesmo tempo que condenam como 'não femininas' as mulheres julgadas demasiadamente assertivas e ativas, ao invés de (como condiz com a feminilidade estereotipada) serem discretamente manipuladoras” (p. 354).

Desafios na implementação do projeto da escola

Diante do estudo e análise da escola pesquisada, ficou ressaltado na avaliação das entrevistadas que a escola deveria trabalhar de maneira mais incisiva com a formação dos/as professores/as na temática de relações de gênero, tendo sido a falta deste trabalho o que embasa o fato de o projeto não estar sendo implementado no currículo real. Desta forma, conforme exposto pelas professoras, os conceitos estariam mais acessíveis para o entendimento de ambos, professor/a e aluno/a, e viriam ao encontro dos resultados pretendidos, elencados no projeto inicial. Rejane, professora que faz parte da direção da escola e auxiliou na elaboração do projeto, diz:

acho que uma questão fundamental que a gente precisa é mais tempo para o estudo, se tivesse, conseguisse sentar mais ali com o grupo, pra aprofundar mais algumas questões, pra que a gente tenha a clareza, primeiro, né, pra depois você conseguir trabalhar com os alunos, acho que isso é uma das questões assim fundamentais. Então, o estudado, aprofundar a temática com os professores num primeiro momento, das diferentes áreas pra depois você estar levando isso pra sala de aula, eu acho que isso é de fundamental importância.

Simone (Matemática) reforça esta ideia dando o exemplo de que em outros anos havia na escola um planejamento semanal das atividades que seriam desenvolvidas, destacando também a importância do tempo para a convivência e troca de experiências com os/as demais colegas, o que poderia ser melhor desenvolvido na área das relações de gênero. Sempre que as experiências forem analisadas no coletivo, os conceitos ou definições se tornam mais claros e presentes como parte estruturante da vida. Segundo ela, “em anos anteriores a gente tinha espaço para encontros semanais com a área, pra vê o que você conseguiu trabalhá, até onde você avançou, se você conseguiu, um colega dava ideias, ajudava o outro, nós perdemos esse espaço”.

A formação permanente dos/as professores/as tem sido uma das sugestões unânimes, conforme descrição das entrevistadas, tanto das professoras quanto da direção da escola. Aliado a isso, Anita (Educação Física) acrescenta a importância de cada professor/a assumir e se comprometer no desenvolvimento do projeto. Ela cita um exemplo dizendo que “às vezes eu acabo exigindo muito mais das meninas do que dos meninos porque eu quero que elas sejam assim, pessoas fortes e que tenham personalidades fortes e não fiquem só se preparando pra ser mãe, dona de casa, mas que elas lutem por um ideal melhor pra elas”. O exposto pela professora remete a uma sobrecarga feminina, à qual as mulheres estão expostas nesta sociedade: não basta serem igualmente boas, como os meninos; elas têm de ser muito

melhores para serem consideradas iguais ou parecidas a eles. Esta leitura da professora em querer ajudar as meninas a serem mais fortes, acaba reforçando este preconceito. A fala da professora também evidencia como ainda hoje o trabalho da mulher é desvalorizado, sendo este uma forma de manutenção da opressão de um sexo sobre o outro. “O trabalho doméstico está no cerne da opressão feminina e enquanto o casamento incluí-lo como um mecanismo, através do qual serviços são prestados gratuitamente e crianças geradas e criadas, a opressão desta (...) parece inevitável” (Junho Pena, 1981, p. 70).

As falas das professoras evidenciam como ainda são fortes as regulamentações e normalizações em nossa sociedade. De igual forma, isto evidencia como é difícil ajustar teoria e prática. Ter simplesmente previsto no currículo formal a inserção da temática das relações de gênero, não quer dizer que este tema será amplamente debatido e aprofundado no ambiente escolar. A escola é um importante meio para se aprofundar este debate, assim como ainda continua sendo um mecanismo de manutenção da “ordem estabelecida”. Proporcionar espaços de formação, de leitura e discussão, pode ser um importante passo para a aproximação da igualdade entre homens e mulheres. A escola, de modo especial, poderá contribuir para que isto de fato se concretize “à medida que caminhar na direção de uma educação não-sexista, que contribua para a superação de preconceitos e para a construção de pessoas comprometidas com a igualdade de direitos entre os sexos” (Carvalho, 1999, p. 21).

Considerações finais

Ao refletir sobre a incidência de um projeto na escola, percebemos que este por si só não apresenta força suficiente para “quebrar paradigmas” já consolidados pela cultura e pelas normalizações impostas pela sociedade. Um projeto por si só não revoluciona uma escola, ainda mais quando esta temática, mesmo incluída no currículo formal, se fragiliza no desenvolvimento do currículo real. É preciso considerar, entretanto, que, a exemplo do projeto aqui estudado, a inclusão da temática das relações de gênero no currículo pode ser um elemento fundamental para a conscientização, por parte dos/as professores/as, da importância de discutir esta questão e começar a estabelecer mudanças de percepção na escola e fora dela.

Este projeto pode desencadear muitos outros questionamentos, além de simplesmente avaliar se o mesmo foi instituído ou não. Desde sua elaboração, este, com certeza, esteve repleto de interrogações, que talvez foram respondidas ou então fomentaram novos questionamentos. Entendemos, contudo, que este pode ser o caminho para avançar nas discussões acerca das relações de gênero na educação: desconstruir para construir novas

formas de pensar e agir.

A escola e, de modo especial, a educação em sua totalidade, são ferramentas que temos em nossa sociedade que, ao mesmo tempo em que contribuem para manter e reproduzir as desigualdades entre os gêneros, também constituem um importante mecanismo de mudança de aproximação a uma condição mais igualitária entre homens e mulheres. A escola “em lugar de ensinar o que os outros pensaram, pode ensinar a pensar; em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo” (Montseratt, 1999, p. 17).

Referências

- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CARVALHO, Marília Pinto de. Um olhar de gênero sobre as políticas educacionais. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam; AUAD, Daniela; CARVALHO, Marília (Orgs.). **Gênero e educação**. São Paulo: SOF, 1999.
- CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 20 (2), jul./dez. 1995.
- DEL PRIORI, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.
- EISLER, Riane. **O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo sobre educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JUNHO PENA, Maria Valéria. **Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

MONTSERRAT, Moreno. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. Tradução de Ana Venite Fuzatto. São Paulo: Moderna; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WALQUERDINE, Valerie. Ciência, razão e a mente feminina. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.